

Exílio e errância: reflexões sobre a viagem nos discursos de garotas de programa

Mirielly Ferraça

Marcela Verônica da Silva

Submetido em 24 de fevereiro de 2015.

Aceito para publicação em 08 de outubro de 2015.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 50, junho de 2015. p. 221-234

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 15 de janeiro de 2016

23:59:59

EXÍLIO E ERRÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A VIAGEM NOS DISCURSOS DE GAROTAS DE PROGRAMA

EXILE AND WANDERING: REFLECTIONS ON THE JOURNEY IN THE SPEECHES OF PROSTITUTES

Mirielly Ferraça*
Marcela Verônica da Silva**

RESUMO: *Sob uma perspectiva discursiva e literária, visa-se estabelecer uma relação entre a garota de programa e o conceito de viagem. Além de uma associação que compreende o viés literário e metafórico, empreende-se, a partir de entrevistas realizadas com profissionais do sexo, uma análise discursiva, buscando examinar enunciados que evidenciem a possível tentativa de passagem da marginalidade para lugares aceitos, valorizados socialmente. Assim, o tema do artigo gira em torno da viagem física, o lugar efetivamente ocupado pelas garotas de programa e a tentativa de sair da “noite”, e da viagem metafórica, indicadora da incompletude e da dualidade do ser. Diante da análise, objetiva-se estabelecer uma reflexão sobre a prostituição como condição fronteira: a zona, que divide marginalidade e inserção social.*

PALAVRAS-CHAVE: *viagem; garota de programa; literatura; discurso.*

ABSTRACT: *The purpose of this work is to establish a relationship between the prostitute and the concept of travel, under a discursive and literary perspective. In addition to an association comprising both the literary and metaphoric bias, a discursive analysis is based on interviews with prostitutes in order to examine statements, showing the possible attempt of a transition from a marginality to socially accepted places. The theme of this work focuses on the physical journey, the place occupied by prostitutes and the attempt to get out of the "night", and the metaphorical journey, that indicates the incompleteness and duality of being. The objective is to establish a reflection about the prostitution as a bound condition: the zone dividing marginalization from social inclusion.*

KEY-WORDS: *journey; prostitute; literature; speech.*

1 Introdução

*De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada.
("Geni e o zepelim" – Chico Buarque).*

O tema e o símbolo *viagem*, tão recorrente na literatura e em obras artísticas em geral, simboliza aventura, procura (por um tesouro ou por conhecimento, seja ele

* Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, com bolsa auxílio CAPES. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE - Cascavel.

** Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Mestre em Literatura Brasileira pela mesma instituição.

concreto ou espiritual), transposição, crescimento, “expresa un profundo deseo de cambio interior, una necesidad de experiencias nuevas, más aún que de desplazamiento local” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 1067).

As garotas de programa, personagens escolhidas como objeto de investigação do presente artigo, são associadas à *viagem* em diversas perspectivas: por serem errantes e vagarem de casa em casa, na busca incessante por quem pague por sexo; por se constituírem no interstício social, entre o certo e o errado, entre o centro e a margem; por serem mulheres divididas, já que ora comungam dos valores ideais concernentes à mulher e ora se desvirtuam desses mesmos preceitos, por sonharem ultrapassar o lugar condenado da garota de programa e ocuparem o lugar aceito e idealizado para a mulher, segundo a sociedade ocidental contemporânea.

Assim, a partir de entrevistas realizadas com garotas de programa no ano 2012, em uma boate localizada na cidade de Cascavel, Estado do Paraná, este artigo se propõe a apresentar algumas reflexões sobre a ideia de viagem – tanto no âmbito físico como no metafórico – existente no discurso das entrevistadas e na própria imagem que se tem da prostituta, sentidos que acabam dialogando com obras literárias, já que a arte imita a vida e deixa-se imitar.

Nas sequências discursivas selecionadas, as garotas de programa relatam as inúmeras formas que elencam como portas de saída da prostituição, numa tentativa de adentrarem o espaço social reconhecido e valorizado socialmente: desejam ingressar na trama social ao idealizarem o casamento como uma das possíveis saídas; sonham com empregos ou outras profissões tidas como honradas; idealizam, por meio dos estudos, uma alternativa para transpor o lugar em que vivem. Entretanto, como se verá, as entrevistadas têm em comum o fato de exercerem a prostituição há dez anos e, durante todo esse tempo, nenhuma das portas apontadas por elas foi aberta. Assim, a viagem parece ser o signo e o símbolo de uma perpétua recusa de si mesmo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p. 952-953) e da condição em que se vive.

Na perspectiva literária, o teórico Northop Frye (1991, p. 195), ao tratar da teoria dos arquétipos, afirma que o local onde a prostituta se insere – e que não necessariamente é o prostíbulo – é considerado arquétipo do “mundo demoníaco”, pois é oposto ao “mundo divino”, que seria constituído por seres e atos igualmente divinos, onde haveria calma e clareza. É justamente essa dualidade que circunscreve a garota de programa, dividida entre o divino e o profano, que a faz nem pertencer plenamente a um lado e nem a outro, ocupando o meio do caminho, a terceira margem do rio. O autor pontua ainda que o “mundo demoníaco” atua sob o domínio da paixão destruidora, cujos símbolos são “lo general uma ramera, bruja, sirena u outra hembra tentadora, objeto físico del deseo, que como posesión se busca y por lo tanto nunca se consegue interamente”. O erotismo das prostitutas, sereias, opera, assim, como elemento desestabilizador do controle das paixões e elas atuam integrando e desintegrando o “mundo demoníaco” e o “mundo divino”, sua transição é relacionada aos terrenos movediços, instáveis.

Visando, pois, o encontro de uma abordagem discursiva e literária, a partir de histórias reais, uma vez que tiradas de relatos referenciais, pretende-se associar o exílio, a errância e a tentativa de travessia das garotas de programa ao conceito de viagem, entendendo o sentido deste conceito como um deslocamento e uma passagem metafórica. Para construir esse sentido: a) associa-se a ideia de Porto a presente sensação de errância das garotas de programa e de seus clientes, pois ambos deslocam-se, sejam estes deslocamentos motivados pelo dinheiro ou pelo sexo; b) compara-se as

garotas de programa às sereias, seres mitológicos divididos em metade peixe, metade mulher, que não pertencem nem totalmente às profundezas do oceano e nem tampouco ao mundo dos humanos, assim como as prostitutas que vivem às margens da sociedade, impedidas de adentrarem o lugar desenhado para a mulher, sendo, dessa forma, divididas entre um espaço e outro; c) aborda-se a temática da prostituição na literatura de modo a evidenciar aspectos desse terreno movediço no qual as prostitutas transitam; d) analisa-se, com base nas entrevistas realizadas, sequências discursivas reveladoras da intenção das garotas de programa de cruzarem o espaço do entremeio em que vivem para adentrarem e fazerem parte dos lugares aceitos e idealizados socialmente, numa tentativa de cruzar a fronteira que vai da marginalidade à aceitação.

As perspectivas a que o presente artigo pretende atender encontram pontos de articulação nas reflexões do sociólogo Octavio Ianni (2000), segundo o qual o viajante se desenraíza, liberta-se, reafirma-se, modifica-se, encontra-se, perde-se. Seja pela viagem metafórica ou pelo próprio ato de deslocar-se, o fato de o viajante ultrapassar as fronteiras que demarcam cada lugar faz dissolver um lado e outro, recriando um terceiro, que não chega a ser um lugar especificamente, mas se caracteriza como uma transição entre o que era e o que será. Soma-se aos viajantes todo o processo de transição envolvido na empreitada, é o deslocamento enquanto crescimento.

Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza. Projeta no espaço e no tempo um eu nômade, reconhecendo as diversidades e tecendo as continuidades (IANNI, 2000, p. 13).

É esse caleidoscópio formado por diferenças e aproximações que faz do viajante um ser aberto, capaz de transitar livremente por espaços opostos e análogos e a partir deles expressar sua visão, suas divagações. Já dizia Baudelaire (*apud* CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p. 952): “Os verdadeiros viajantes são aqueles que partem por partir”, eternamente insatisfeitos, sonham com o desconhecido mais ou menos inacessível.

Os viajantes, assim, se assemelham às garotas de programa, que buscam ultrapassar a fronteira da realidade em que vivem para adentrar um espaço idealizado (mas plenamente reconhecido). Elas são impelidas pelo constante vagar e pela inconstância, e por isso são também eternas viajantes. Afinal, conforme salienta Ianni (2000, p. 14), “sempre há viajantes, caminhantes, viandantes, negociantes, traficantes, conquistadores, descobridores, turistas, missionários, peregrinos, pesquisadores ou fugitivos atravessando fronteiras, buscando o desconhecido, desvendando o exótico, inventando o outro, recriando o eu”. Atravessa-se as fronteiras delineadas para o lugar aceito (e ideal) e para aquele marginalizado; busca-se o desconhecido como solução ou saída, mas também recria-se novamente as situações conhecidas, persistindo na incessante procura pela aceitação.

2 Porto das Sereias: o espaço da contradição

Nem só de espaços marcados pela eternidade – como o cristalizado que ressoa através dos séculos e o fixo que regulariza lugares e discursos – constitui-se o social.

Espaços transitórios e problemáticos também existem e, assim, tudo o que estiver relacionado ao conflito ou à contradição, como o meretrício, desloca-se para um “espaço singular”, sendo este, geralmente formado por regiões periféricas, intersticiais, escondidas por tapumes: “são sempre vistos como locais de transição: ‘zonas’, ‘brejos’, ‘mangues’ e ‘alagados’. Locais liminares, onde a presença conjunta da terra e da água marca um espaço físico confuso e necessariamente ambíguo” (DAMATTA, 1997, p. 45).

As garotas de programa vivem nesse espaço intersticial e, no caso das entrevistadas, buscam ultrapassar esse “entre-lugar” em que se encontram, na tentativa de serem reconhecidas como parte significativa da dinâmica social, ocupando posições e lugares reconhecidos, idealizados, delineados para a mulher.

Como no poema-narração, ou balada, “Geni e o zepelim”, de Chico Buarque (1979), constante na epígrafe deste trabalho, a personagem prostituta é associada à camada marginalizada da sociedade, uma vez que é posta em meio a “tudo que é nego torto/ Do mangue e do cais do porto”. Seu corpo é dos errantes e retirantes, “de quem não tem mais nada”. Considerada, assim, como a “rainha dos detentos / Das loucas, dos lazarentos”, sua situação periférica é ressaltada, e seu silêncio é evidenciado na voz do narrador (possivelmente branco, homem) que conta sua história (de Geni) e ao mesmo tempo deixa erigir as vozes da autoridade opressora representada pelo poder patriarcal, político e religioso, que em um ato de hipocrisia, apedreja a “maldita”, aclama a “bendita” (quanto os habitantes necessitam do seu meretrício), e volta a apedrejar a personagem Geni, depois de todos terem sido “salvos” por seus serviços, ato que demonstra a dinâmica social de rechaço à prostituta e a negação de seu necessário papel.

A cidade em romaria
Foi beijar a sua mão
O prefeito de joelhos
O bispo de olhos vermelhos
E o banqueiro com um milhão
Vai com ele, vai, Geni!
Vai com ele, vai, Geni!
Você pode nos salvar
Você vai nos redimir
Você dá pra qualquer um
Bendita Geni.

Dessa forma, assim como retratado na poesia da canção, as prostitutas são esse “mal necessário”: são marginalizadas e negadas pelos defensores moralistas, mas ao mesmo tempo contribuem para o funcionamento social. Segundo Chauí (1984, p. 79), a prostituição é tolerada, e até mesmo estimulada, por funcionar como uma válvula de escape, pois resolve “as frustrações sexuais dos jovens solteiros e dos homens que se consideram mal casados ou que foram educados para jamais confundirem suas honestas esposas com amantes voluptuosas e desavergonhadas”; além disso, acredita-se que as garotas de programa contribuíam para manter a honra de moças de família e para estimular o recato e a virgindade feminina. Necessárias, mas sempre negadas: “Joga pedra na Geni / Joga pedra na Geni / Ela é feita para apanhar / Ela é boa de cuspir / Ela dá pra qualquer um / Maldita Geni”.

Ao mesmo tempo em que esse movimento social distancia e marginaliza os que não se rendem às convenções, percebe-se que há um movimento oposto: uma constante incursão de representantes desses meios no submundo periférico, ou seja, de casa em

casa, de cidade em cidade, garotas de programa estão sempre indo e vindo, num movimento contínuo e constante; são figuras desterritorializantes, como afirma Cánovas (2003, p. 6), são errantes deslocando-se num não-lugar, ou no lugar da marginalidade. E os clientes, por sua vez, também deslocam-se: vão de boate em boate a procura de sexo, são também nômades, viajantes em busca de aventura.

As garotas são errantes, eternas viajantes, por não se encaixarem plenamente: enquanto mães, filhas e (ex)esposas, pertencem a casa, mas a condição de garota de programa, ofício exercido na rua, não permite que elas sejam por completo o que se espera socialmente de uma mãe ou de uma dona de casa. Enquanto garotas de programa, não estão totalmente à margem, já que são também mães, (ex)(futuras)esposas e filhas (lugares aceitos, tidos como corretos); elas transitam em lugares não só distintos, mas opostos. Para o imaginário social, a mulher enquanto “moça de família”, destinada ao casamento, “boa” mãe e filha seguidora dos “bons” costumes ensinados pelos pais, não poderia, segundo esses valores cristalizados, ocupar a “devassidão” e a promiscuidade.

Divididos entre o espaço da pureza materna e o da corrupção prostibular, ou entre o “mundo divino” e o “mundo demoníaco”, segundo a concepção de Frye (1991), os discursos sobre a mulher orientam-se sob um forte aspecto misógino, pois evidenciam uma concepção de sociedade (ainda) muito arraigada nas estruturas do paternalismo, sustentadas por valores relacionados à moral sexual. Historicamente, na construção dessa moral, a imagem da mãe e da esposa foi destituída de sexualidade, e em seu lugar emergiu a figura cândida e terna da “santa”, mulher devota ao lar. A proteção à virgindade das meninas previa um rígido ensinamento, cujo foco era a contenção dos desejos carnis. Assim, os espaços da prostituição, relacionados à libertinagem, afastaram-se do lar, lugar de procriação, e tornaram-se inconciliáveis. Mesmo opostos, porém, esses espaços se atraem e, pelo imaginário social, entrecruzam-se, pois, enquanto a prostituta muitas vezes sonha em casar-se, tornar-se respeitada e obedecer às regras de aceitação social, a esposa também imagina a sexualidade da prostituta a partir das fantasias a ela vetadas.

A atração entre espaços tão distintos – os ocupados pela mãe e os ocupados pela prostituta – ocorrem também na literatura: prostitutas tornam-se mães ou boas esposas, como é o caso de Lucíola de José de Alencar (1988), que em busca da pureza volta a adotar o nome de batismo e recusa-se a continuar na condição de amante de seu amado Paulo, numa tentativa própria de redenção. Lucíola é o reforço de que não é permitido pertencer ao mesmo tempo à casa e à rua, por isso somente cabe-lhe a morte, redenção plena. Por outro lado, mulheres consideradas “puras” tornam-se prostitutas, como é o caso de Pombinha, que trilha o sentido inverso no romance de Aluísio Azevedo (1997) e passa a ter sua sexualidade despertada por Léonie. Assim, fica evidente o terreno movediço da prostituição, pois as personagens passam a ocupar de fato ambos os espaços ao mesmo tempo que não ocupam plenamente nem um nem outro. Estão, de fato, num entre-lugar, numa eterna viagem.

Assim como as personagens literárias, o pertencimento a dois espaços contraditórios é evidenciado pelas SDs abaixo:

(SD 01) Não, eu sou uma coisa aqui dentro. Fora daqui, onde eu moro, em qualquer lugar, se eu tive numa balada, alguém vim falá comigo, falá alguma coisa, eu sou capaz de batê (Ana Paula).

(SD 02) O que nós somos aqui é aqui. Saiu do portão pra fora você tem que ser quem você é lá fora. Agora aqui dentro você até esquece quem você é... (Carol).

Nas SDs destacadas, podem-se perceber os efeitos de divisão de espaços marcados pela conduta que elas precisam ter na rua e na casa. Entretanto, ressalta-se que a contradição vai além da diferenciação dos lugares ocupados por elas, relacionando-se com o choque que ocorre com essas posições (ser mãe e ser prostituta), justamente por se constituírem socialmente como extremos.

Essa oposição em relação à inserção no espaço social e no espaço marginal obriga as mulheres a uma frequente metamorfose, ou melhor, à criação de personas que se adequem a cada contexto; é a viagem metaforizada na ocupação de um ou outro lugar social.

Semelhante às ménades, que, durante o culto a Baco dançavam de modo livre e lascivo, envolvidas pelos mistérios do deus (porém direcionadas por esse deus e não por vontade própria) as prostitutas se transformam ao adentrarem no submundo da prostituição. Ali passam a representar, lançando mão da máscara, símbolo da submersão da sua identidade na de outra. No material coletado, percebe-se a contradição em que vivem e as justificativas que apresentam para fugir do meio termo e buscarem a inserção nos moldes sociais. O tempo todo elas procuram desculpar-se por estarem na “vida”, justificando que foram “obrigadas”, direcionando a “culpa” para o outro. Além disso, as saídas possíveis que elencam para a vida que levam estão ligadas ao sonho de deixar o “limbo” e adentrar, de vez, um lugar pleno, em que consigam ser sujeitos reconhecidos (sem o teor do estigma) como pertencentes à trama social.

3 Literárias e reais: a simbologia da viagem em personagens garotas de programa

Porto das Sereias foi o nome escolhido para remeter à boate em que a entrevista foi realizada, considerando as exigências éticas em pesquisa que não autorizam a divulgação do nome real do estabelecimento. A escolha desse nome deve-se, justamente, por pensar nessa relação de movimento, de viagem que simboliza a passagem de um lugar incerto, movediço, para a terra firme.

As personagens desta história: Mônica, Ana Paula, Carol e Duda são comparadas às sereias: seres híbridos, metade mulher e metade peixe, caracterizadas pelo cantar sublime que fascina e envolve navegantes. Assim, as garotas que vendem sexo no Porto das Sereias também esperam e enlaçam os marinheiros que ali desembarcam em busca de um “porto seguro” e acalentador, desejosos e carentes, à procura da satisfação de seus desejos. São navegantes submetidos aos (en)cantos das mulheres divididas.

A palavra “porto”, segundo Houaiss (2004, p. 2.267) tem o efeito de “área marítima, fluvial ou lacustre, abrigada, junto ao litoral ou à margem, que dispõe de instalações para embarque e desembarque de passageiros e mercadorias, e armazenamento destas últimas” e também, segundo o mesmo dicionário, “local onde alguém pode descansar e se sentir seguro; refúgio, guarida, proteção”. A associação proposta trabalha com as duas definições. A casa de prostituição, nesse sentido, poderia ser comparada a um porto sem mar, no qual os passageiros, clientes e garotas de programa, permanecem por pouco tempo. Apesar de muitas vezes abrigarem as garotas de programa, são espaços marcados pela evasão. Elas vivem em constante movimento,

entre uma casa de prostituição e outra; estão sempre indo e vindo. Como uma delas descreve:

(SD 03) Somos turistas nas nossas próprias vidas, fazemos turismo na vida de outras pessoas e outras pessoas fazem turismo nas nossas vidas e, com isso, ainda ganha um dinheirinho extra, aí (Duda).

É um porto de passagem também para os clientes, que desembarcam, permanecem algumas horas e regressam. As garotas estão no “porto” para vender e os clientes para pagar por sexo. Para as mulheres, a boate é o local de refúgio, guarida e proteção; é onde elas se sentem seguras para exercerem sua atividade, sem grandes riscos:

(SD 04) A casa sempre avisa: qualquer problema você liga. Se acontece alguma coisa, você liga e eles tomam providência, sempre assim (Mônica).

A boate é também o local onde vivem; mesmo sendo por um período curto, a casa passa a ser sua morada: é onde dormem, fazem refeições, passam o tempo livre e trabalham. Para os homens que frequentam o local enquanto clientes, o porto também é associado a descanso, pois é procurado como um lugar que oferece lazer e diversão. O porto é lugar de passagem, já que não há permanência, é a marca de um espaço de transição entre um lugar e outro, um local em que se cruzam caminhos e vidas diferentes.

A “Sereia”, dentre outros efeitos, remete à figura mitológica grega, que, inicialmente, era formada por tronco e cabeça de mulher e o restante do corpo igual ao de um pássaro; lendas posteriores passaram a descrevê-las como metade mulher e metade peixe. As sereias seduziam os homens com seu canto, como descrito no Dicionário de Mitologia Grega e Romana (KURY, 1999).

As Sereias, que além de cantar também tocavam a lira e a flauta, viviam numa ilha do Mediterrâneo (talvez em frente à península de Sorrento), e atraíam com seu canto maravilhoso os nautas que passavam pelas proximidades; elas provocavam a destruição das naus contra os rochedos, e em seguida devoravam os naufragos (KURY, 1999, p. 354).

Assim, a voz lírica ou melodiosa da sereia, que metaforiza a prostituta, reflete a (des)ordem de sua existência marcada pelo sentimento de exílio, em relação ao mundo da prostituição ao qual se vê presa, e de errância, por não se ajustar ao quadro social ao qual muitas vezes almeja pertencer. A imagem da prostituta suscita a reflexão sobre o lugar que ela ocupa no contexto social e sobre o deslocamento entre a realidade e o sonho, que a projeta em outra ordem: a da divagação ou aspiração à outra posição social.

As sereias também são associadas à sensualidade: “Elas seduziam os navegadores pela beleza de suas feições e pela melodia de seu canto para, em seguida, arrastá-los para o mar e devorá-los” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p. 814).

Ulisses, na *Odisseia*, para preservar-se das Sereias, tapou os ouvidos com cera e deixou-se amarrar ao mastro. Segundo Lima (2000), naturalmente, há muito tempo qualquer viajante poderia ter feito algo semelhante (salvo aqueles que as sereias seduziam de longe), mas em todo o mundo se sabia que isso não seria de ajuda. O canto das sereias a tudo traspassava, até a cera, e a paixão dos seduzidos teria feito saltar mais do que mastros e cadeias. Contudo, embora talvez tenha ouvido falar a respeito, nisso

não pensou Ulisses, que, com plena confiança no bocado de cera e no laço das cadeias, na alegria inocente de seu estratagema, navegou ao encontro das sereias. Mas as sereias tinham uma arma ainda mais terrível que o canto: seu silêncio. Seria pensável que alguém se salvasse de seu canto, mas por certo não de seu silêncio.

O efeito de sedução como uma característica das sereias é hoje uma definição (re)afirmada, constituindo a memória discursiva social: “os imitadores encontrarão aí matéria para exprimir a própria sensibilidade e dar ao mito novas formas: uma feminilização crescente das Sereias – de fato uma sexualização do mito” (BRUNEL, 1998, p. 831), fato que Chevalier e Gheerbrant (2005, p. 814) também expressam: “Na imaginação tradicional, o que prevaleceu foi o simbolismo da sedução mortal”. O próprio Dicionário Houaiss traz essa definição no sentido figurado da palavra: “Sereia s.f. 3 fig. Mulher atraente, sedutora” (HOUAISS, 2004, p. 2.553). Ser híbrido, a sereia é metade peixe e metade mulher, evidenciando a ambiguidade de sua figura, destinada às profundidades dos oceanos, não pode adentrar à terra firme, embora seja da cintura para cima humana. Vive nesse entremeio, mas deseja adentrar o seio social, simbolizando nesse desejo uma espécie de travessia, de viagem, de deslocamento: o sonho de ocupar um lugar pleno, e não mais viver na zona.

As garotas de programa, assim, relacionam-se às sereias por se constituírem num lugar de ambiguidade, por se encontrarem no limiar de espaços opostos: a sereia, dividida entre peixe e humano, e a prostituta dividida entre o “certo” e o “errado” constituído socialmente. Dessa forma, Porto das Sereias simboliza o lugar onde as garotas passam alguns dias, vêm e vão, retornam e voltam a sair, “seduzindo” tantos homens que nem se poderia contar: “Se compararmos a vida a uma viagem, as sereias aparecem como emboscadas oriundas dos desejos e das paixões” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p. 814).

Se as sereias são vistas como seres que conduzem, por meio do despertar de desejos, a emboscadas, essa associação pode ser relacionada pelo imaginário às prostitutas, consideradas más, destruidoras de lares (embora também se tenha acreditado na prostituição como um mal necessário que evitaria problemas maiores como a homossexualidade e o desrespeito a jovens donzelas, moças de família).

A associação das garotas de programa à imagem da sereia também encontra ressonância na figura da prostituta do romance *O ciclo das águas* (2010), de Moacyr Scliar, cujo enredo trata da personagem Esther, traficada da Polônia para o Brasil para servir nas casas de prostituição. Ela sai de seu lar, enganada e com um casamento tramado. A Pequena Sereia é a figura que acompanha a vida de Esther e está relacionada ao florescimento de sua sexualidade: aos 13 anos, quando um capitão polonês a convida para conhecer sua casa, senta-a sedutoramente em seus joelhos e conta-lhe a história da Pequena Sereia; após o casamento, quando ela é levada a Paris, onde perde a virgindade e é iniciada nas artes sexuais, encontra a segunda referência da Pequena Sereia, uma estatueta em um abajur que Esther carregará até os últimos dias de sua vida, como uma espécie de amuleto. Esther abre uma casa de prostituição chamada “Casa das Sereias”, relacionando a figura mitológica da sereia não só a si mesma, mas também às garotas que moram na boate.

Se a sereia é marcada pela contradição e pela divisão, Esther também é. A personagem é cindida entre a cultura religiosa judaica, com a qual cresceu e pela qual constituiu seu modo de ver a vida, e entre a prostituição. Se, de um lado, Esther sabe que seu pai nunca a perdoará por ter confrontado os ensinamentos religiosos, de outro, ela também sabe que a venda de sexo lhe trouxe liberdade, uma forma de prover os seus

gastos e os de seu filho. Assim, tanto Esther (personagem literária) como as entrevistadas (personagens reais) vivem no entre-lugar, buscando constantemente se encaixar onde não há encaixe. Se permanecerem sereias, serão divididas. Mas, como se verá, as garotas do *Porto das Sereias* afirmam que desejam deixar a prostituição e ocupar lugares reconhecidos pela moral social. Desejam, como a Pequena Sereia, personagem do conto de igual nome de Hans Christian Andersen (2002), tornarem-se “humanas” por completo, deixar a ambiguidade da vida que levam, e adentrar o espaço social sem o estigma de pertencer ao “submundo” (marinho). Além desse caráter ambíguo das sereias, o romance de Scliar remete também ao ciclo das águas, que se associa à vida da personagem, dividida entre a maternidade e o casamento e a prostituição. Assim, a imagem da água passa de límpida à turva, e vice-versa, infinitamente, mostrando que a personagem carregará para sempre as marcas da inocência e da promiscuidade.

Se há justificativas para a entrada, há planos para a saída também. Destacam-se SDs que apontam o caminho para deixar a prostituição: outro emprego, a educação ou o casamento. Busca-se perceber os sentidos que são produzidos a partir das saídas elencadas pelas garotas, em que medida as opções para deixar o que fazem são realmente saídas ou talvez formas de redimi-las do que já fizeram. Assim, encontrar outro emprego, sendo este considerado digno e aceito pela sociedade, buscar na educação uma maneira louvável de dedicação e superação ou ainda casar e firmar o matrimônio diante das Leis (jurídicas e divinas) é uma possibilidade que poderia apagar o passado e faria com que voltassem a integrar-se na dinâmica social sem serem estigmatizadas. Apesar de seguirem por um caminho “tortuoso”, elas desejam trilhar (novamente) pelos tijolos amarelos, ainda que essas alternativas elencadas por elas pareçam ser mais uma desculpa para continuarem na vida que levam por mais tempo.

Casar-se representa a efetiva mudança em relação ao lugar ocupado na trama social. As garotas do *Porto das Sereias* podem ser novamente comparadas à personagem do conto “A Pequena Sereia”, a qual busca a concretização amorosa no casamento, mas, para isso, deve deixar o “fundo do mar” e tornar-se “mulher”, vir para o mundo dos seres humanos, ou, no caso das entrevistadas, deixar as sombras da noite e adentrar a posição “digna” de esposa. Uma vez conquistado o amor do “príncipe” e efetivado o enlace matrimonial, a Pequena Sereia (ou a garota de programa) alçará o posto de ser socialmente aceita na comunidade, e não poderá regressar ao seu local de origem, dado que, na condição de mulher e esposa, o fundo do mar (ou o espaço estigmatizado da casa de prostituição) não mais lhe pertence. Tanto para a pequena sereia como para as entrevistadas é a condição contraditória e a busca por efetivar-se num lugar desejado que as fazem procurar no enlace matrimonial a plenitude. As garotas de programa e a Pequena Sereia vivem, então, no entremeio demarcado pelo anseio do matrimônio (como medida de transcenderem sua condição marginal) e pela impossibilidade que marca suas configurações ambíguas.

Incompletude das sereias, de Esther, das garotas de programa. Incompletude da linguagem: o que se quer é justamente discutir o que está à margem, o que não se encaixa, o ambíguo, aquilo que não é nem uma coisa nem outra; o que está na zona, no entremeio, no não-lugar. É analisar o que é a prostituição sob a ótica da transição, da viagem e do movimento.

A viagem, enquanto transição, simboliza essa passagem do lugar aceito, ideal e incentivado para a mulher (ou seja, aquela que deve se casar, manter relações sexuais somente com o marido, ter filhos e cuidar do lar – ressoam esses dizeres no social

imperativamente sem que se perceba) para o marginalizado, o errado, aquilo que deve ser evitado (vender sexo por dinheiro, ter relações sexuais com mais de um homem, etc.) e também a busca incessante pelo retorno: da margem ao centro.

4 Uma viagem discursiva: o confronto com a realidade

Existe na fala das entrevistadas uma clara tentativa de ultrapassar essa barreira social que se ergue separando-as da plenitude da dinâmica social. A intenção é clara, entretanto, ela não convence. Não convence justamente por ser fruto de um desejo latente que permeia seus discursos, ecoa em suas vozes, mas a concretização de tal fato se mostra apenas como um efeito, uma tentativa vã de cruzar essa fronteira e isso se comprova pelos 10 anos que marcam a permanência de Duda, Ana Paula e Carol nesse (não) espaço ou o início de uma longa trajetória que está por vir para Mônica, que trabalhava, como garota de programa, à época da entrevista, havia poucos meses.

(SD 05) Pesquisador: Vocês pensam, assim, algum dia parar?

Sim (Ana Paula).

Se Deus quisé... metade desse ano. Antes ainda (Carol).

Pesquisador: Mas daí você pensa em fazê o quê?

Trabalhá (Carol).

Pesquisador: É? Procurá outra coisa?

Já tamo procurando já (Ana Paula e Carol).

A promessa de deixar a prostituição é construída como uma eterna jura que fazem a si mesmas, ano após ano, como se fosse uma esperança de tornar possível a travessia tão esperada, mas ao mesmo tempo tão temida. Se fosse tão fácil deixar a prostituição e conseguir outro emprego, elas já o teriam efetivado antes ou mesmo nem teriam ingressado nesse “mundo”, por isso a desculpa de dizer que está procurando outro emprego (há dez anos) funciona mais para alimentar a esperança de existir uma porta mágica que possibilite uma travessia sem dor, sem pagar pela culpa de viver à margem em uma sociedade que não permite (embora precise disso) a venda de sexo. Os mesmos sentidos aparecem na fala de Mônica:

(SD 06) Nossa, eu já trabalhei de tudo: já fui secretária, já trabalhei em pastelaria, já trabalhei de vendedora, já trabalhei de empregada, de tudo já fiz um pouco [...]. Assim que arrumá outro serviço, aí eu volto, aí eu não venho mais trabalhá em boate, prefiro ficar trabalhando lá, porque pra mim é melhor, né? (Mônica).

E o questionamento que se faz é o mesmo: porque a porta de saída apresentada é a mesma da entrada?¹ Se ela procurou a prostituição justamente por baixo ganho em atividades profissionais já exercidas antes, como deixar a prostituição para realizar os mesmos trabalhos se efetivaria? Ter essa porta como opção revela mais do que uma simples forma de deixar o que se faz e passar dessa condição para outra, revela a idealização de uma travessia que não é tão tranquila como aparenta ser, tal porta

¹ Ressalta-se que esses questionamentos conduzidos na análise têm a intenção de refletir sobre as contradições encontradas em seus discursos e jamais a intenção de “cobrar”, “julgar”, ou “exigir” a saída.

funciona como um consolo para os anos que passam, existindo sempre no campo das possibilidades, mas jamais da efetiva realidade.

O casamento é o que garante a mobilidade de um estado a outro: passa-se de garota de programa, pertencente à rua, à noite, à devassidão e adentra-se à condição de esposa, pertencente à casa, aos valores honrados para uma mulher (sentidos ditos, repetidos e reforçados pelo social):

(SD 07) Pesquisador: E vocês pensam em casar?
Ah, é meu sonho (Carol).

O casamento é o rito de passagem que permite à prostituta a redenção, a efetiva passagem de uma condição condenada a outra idealizada. Foucault (1984, p. 134) diferencia os papéis delineados para a prostituta e para a dona do lar

o prazer é a única coisa que a cortesã pode dar; a concubina pode proporcionar, além disso, as satisfações da existência cotidiana; mas somente a esposa pode exercer certa função pertinente ao seu próprio *status*: dar filhos legítimos e garantir a continuidade da instituição familiar.

Parece que, ao ocupar a posição de esposa, sentidos construídos socialmente para esse lugar passam a constituir essa “nova” mulher: ela não é mais aquela que vive às sombras, pelo contrário, ela passa a ser respeitada e aceita como pertencente à dinâmica social. Mas para que tais sentidos passem a descrevê-la, é necessário que os demais ocupantes da trama social não saibam de seu passado.

(SD 08) Casá, todas nós qué. Tipo assim, por isso que nós trabalha em Cascavel, nós moramos em Toledo. Casá todas nós qué, ter uma família, todas nós qué, mas pra quem sabe, nunca que um home daqui de Cascavel vai querê casá com nós, como que ele vai querê anda no shopping, no mercado, pegá a nossa mão? Não existe o homem que vai fazê isso. Entende? Ou você tem certeza que... ou você para com tudo e vai trabalhá, primeiro mostra que você mudou pra você ter alguém ou você vai ficar sozinha (Carol).

No discurso de Carol, fica evidente a necessária redenção para ocupar o lugar de esposa. Estabelecendo um paralelo com a literatura, por exemplo, na obra “Dão-Lalalão”, de Guimarães Rosa, o personagem Soropita conheceu Doralda em uma casa de prostituição e casou-se com ela, mas, apesar de ver em Doralda uma esposa “respeitosa”, questiona ainda sobre o tempo que ela era prostituta. Soropita pergunta a Doralda se a esposa gostava da época em que era garota de programa: “– Mas você, você gostava!”; “– Gostava, uai. Não gostasse, não estava lá...”; “– E hoje? Hem! E agora?!”; “– Hoje em dia gosto é de você...” (ROSA, 1984, p. 77). Doralda admite que gostava, até porque se não gostasse não se prostituiria, mas as entrevistadas não afirmam esse posicionamento; pelo contrário, elas buscam justificativas para estarem ali. Elas nunca se mostram como responsáveis pela escolha ou culpadas por venderem o corpo. Além disso, o personagem Soropita e a sua preocupação com o passado da esposa, que no desenrolar da obra se mostra como um problema, já que ele fica transtornando ao pensar que os amigos e conhecidos podem conhecer a esposa intimamente, dialoga com a afirmação de Carol, já que a moral estabelecida não permite que a prostituta transite, então, tão facilmente, entre esses espaços, a não ser que ela primeiro mostre que mudou, para se casar e ser aceita.

A mulher está sujeita ao casamento, tanto que, no interdiscurso, há um dizer sobre a distinção entre as mulheres casadas e as solteiras de idades avançadas. A mulher só poderia encontrar a felicidade plena se efetivasse o laço matrimonial e tivesse filhos. E isso até as impulsionava as entrevistadas a terem uma união matrimonial forçada, para não morrerem solteiras, e a lógica do ditado popular seria o inverso: “antes mal acompanhadas do que sozinhas”:

‘Solteirona’ era estigma, sinal de fracasso e esquisitice num tempo em que o casamento era garantia da ordem social e o destino dourado de toda mulher. A expressão designava a que ‘passou da idade’ de se casar. A não moça que perdera a oportunidade de constituir sua própria família com filhos e corria o risco de tornar-se um peso para os parentes já era chamada assim, para desespero das juvenzinhas que desde sempre tinham a solidão, mas também se preocupavam com seu futuro econômico na falta de um homem que as sustentassem (PINSKY, 2012, p. 490).

Os sentidos de “solteirona” ou “ficou para titia” ainda estão vivos e permeiam a formação discursiva feminina, fazendo com que as mulheres busquem como uma válvula de escape o casamento, como um objetivo a ser alcançado. Tais sentidos, que parecem estar distantes da dinâmica social atual, na verdade reverberam na fala das entrevistadas, tanto que afirmam que querem se casar, que o casamento é um “sonho”. Mesmo sendo todas divorciadas e sabendo que relacionamentos são difíceis e que o matrimônio não é tão romântico, assim mesmo elas pretendem (ou dizem que pretendem) efetivar o enlace amoroso. O que impera é a necessidade culturalmente construída de casar-se, constituir família e ter filhos e, subjazendo a tudo, o amor romântico.

É uma viagem incessante entre esses dois lugares distintos e opostos: o da mulher ideal (tão idealizado pelo social que elas não imaginam e desejam outra coisa para si) e o da marginalidade negada e condenada por esse mesmo social que delineia a mulher correta – esposa, mãe, dona de casa). As mulheres entrevistadas transitam entre um lugar e outro e ocupam (quase que) um terceiro: o entre-lugar. A viagem é também essa busca (incessante?) pelo pertencimento, por entrar na roda social e girar assim como os demais, assim como é traçado para ser.

5 Considerações Finais

Tendo como eixo a ideia de *viagem*, o artigo associou, a partir de um viés discursivo e literário, a prostituição, a uma visão do exílio, da errância e da travessia. Em um primeiro momento, procurou-se evidenciar a *viagem física*. Assim, estabeleceu-se uma comparação entre o prostíbulo e o porto, local de fluidez nas relações pessoais e de constante trânsito: os deslocamentos são efetuados não apenas pela prostituta, mas também por seus clientes, que, em busca de sexo, partem de um espaço socialmente aceito para o espaço escuso. Em um segundo momento, a viagem ganha sentidos metafóricos, uma vez que passa a designar incompletude, cisão. Nesse sentido, as garotas de programa foram comparadas às sereias, cujo corpo dividido marca a incapacidade de pertencimento a qualquer espaço, uma vez que, mesmo sendo mães e donas de casa, são impedidas de adentrar a roda social, ficando presas ou exiladas num entre-lugar. A condição das personagens “reais” permitiu o diálogo com a personagem

Esther, de *Ciclo das Águas* de Moacyr Scliar, por estar presente na obra a simbologia da sereia, representada pela estatueta tomada por amuleto pela personagem. O diálogo também se estabelece em decorrência da constante menção ao ciclo das águas que passa de turva a límpida numa constante referência à duplicidade da vida de prostituta, dividida entre os espaços do sagrado e do profano. Por fim, procedeu-se à análise das sequências discursivas, que evidenciaram a contradição entre a vontade manifesta e a prática, o que permitiu compreender que o discurso proferido pelas garotas de programa vincula-se à necessidade de aceitação social, muito mais do que à necessidade concreta de mudança.

Reiterando, pois, observou-se, nas sequências expostas, que as saídas elencadas pelas prostitutas para ultrapassarem as fronteiras da marginalidade e adentrarem o mundo considerado “correto” relacionam-se a um discurso pronto e estático que pode ser considerado lugar-comum, uma vez que passam apontam argumentos e ideias muito utilizadas, mas com acepção vazia. Embora existam, as portas que permitem a saída do (sub)mundo da prostituição não são efetivamente abertas, justamente por esse mesmo “social” imobilizá-las num entre-lugar (ou ainda haveria a ordem do desejo, manifestando-se inconscientemente nessa recusa de deixar a vida que levam, mas esse seria tema para uma outra pesquisa). Assim, as garotas de programa desta pesquisa são nômades, tecendo (des)continuidades, eternamente em busca de um ponto de estabilização, de ancoragem, que permita que elas sejam (re)conhecidas como pertencentes, não como marginalizadas, colocadas na zona.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, 1988.

ANDERSEN, Hans Christian. *Contos de Andersen*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 7. ed. Trad. Guttorm Hanssen.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1997.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind. 2. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

BUARQUE, Chico. Geni e o zepelim. In: _____. *Ópera do Malandro*. São Paulo: PolyGram, 1979. CD. Faixa 9.

CÁNOVAS, Rodrigo. *Sexualidad y cultura en la novela hispanoamericana: la alegoría del prostíbulo*. Santiago de Chile: Lom Ediciones, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 5. ed.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

_____. Dicionario de los Símbolos. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 2. ed, Rio de Janeiro: Graal. 1983.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque.

FRYE, Northrop. *Anatomia de la critica*. Caracas: Monte Ávila, 1991.

IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade: mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 5. ed.

LIMA, Luís Costa. *Mímesis: desafio ao pensamento – o paradoxo em Kafka*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2004.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

ROSA, João Guimarães. *Noites do Sertão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 9. ed.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: L&PM, 2010.